

## A PRESENÇA DA MORTE NO LIVRO *NÓS TRÊS*

Cássia Cristina Gonçalves Simplício - UFU

cassiasmith17@hotmail.com

**Resumo:** O presente artigo tem como proposta a análise do livro “*Nós três*”, narrativa de Lygia Bojunga que tem como conflito central o assassinato de um rapaz e como testemunha desse ato uma criança. Esse texto constrói-se como contraventor, na medida em que obras destinadas ao público infantil e juvenil normalmente desvelam desfechos com finais felizes. Pelo presente trabalho mostraremos como a autora, por intermédio de recursos relacionados à narrativa fantástica, consegue conferir poeticidade à representação da morte, sem, contudo, retirar dessa representação o medo e horror, tão característico a narrativas desse gênero.

**Palavras – chave:** Literatura infantojuvenil; crime; morte.

Tentar definir o que é literatura infantil “é repensar a natureza e a função da própria literatura”. (Camila da Silva Alvarce Campos, p.1).

A definição sobre o que é literatura infantil está concentrada no paradigma de que os livros devem ser destinados a crianças com uma linguagem acessível e de um livro de fácil compreensão. Nesse sentido, a literatura infantil tem como objetivo a boa educação da criança (pedagógico), onde a escola surge em um contexto de exclusão. Assim, a literatura infantojuvenil serve somente para o consumo, já que ela limita as crianças a buscarem novos vocábulos e conhecimento de mundo.

Podemos notar ainda o sentido discriminatório da literatura infantojuvenil, onde de um lado está o livro bom para uma criança e ruim para os adultos, visto que, este gênero não atrai adultos, pois possuem uma linguagem fácil, dessa forma, não prendiam a atenção deles; e a leitura dos adultos não podiam ser lidas pelas crianças já que possuía um grau mais elevado e não a “educava” a criança para o mundo. Para considerarem os livros infantis bons é necessário que as crianças adquiram uma linguagem adequada para frequentar a elite, já que a literatura é feita somente para a elite.

As várias possibilidades de definição da literatura excluem a literatura infantil já que ela auxilia o desenvolvimento e valores das crianças, ao contrário da literatura que não tem “serventia” alguma.

No entanto, o estudo da literatura infantil é desvalorizado, uma vez que, por não serem estudadas por críticos não há sentido de mencioná-las como livros adultos, mas, que merecem que as crianças tenham um contato com ela e desse modo auxiliar que ela se torne um “cânone”, assim, como os livros feitos para adultos.

Peter Hunt relata que a literatura infantil possui vários gêneros específicos:

A narrativa para a escola, textos dirigidos a cada um dos sexos, propaganda religiosa e social, fantasia, o conto popular e o conto de fadas, interpretações de mito e lenda, o livro-ilustrado (em oposição ao livro com ilustração) e o texto de multimídias (p.44).

A literatura infantojuvenil surge num contexto de padronização, onde as crianças eram rotuladas como: ingênua, inocente, débil, frágil, ignorante, incapaz, irracional, imperfeita, etc. A criança deveria ser ensinada por mais velhos e preparadas para a vida.

As crianças que vivenciam obstáculos, perdas é apta a escolher seus rumos, sem precisar de ajuda daqueles que acham que sabem o que é literatura.

No livro *Nós três*, Lygia Bojunga “brinca” com aquilo que muitos considerariam que não seja apropriado para crianças, quebrando assim o rótulo que as histórias infantis deveriam ser tratadas como se tivesse sendo escrita para uma criança imbecil, a autora trata de um assunto que muitos pais evitam, A MORTE. Porém vale ressaltar que as crianças devem ter contato com todos os temas que elas irão enfrentar durante a vida para que possam amadurecer. No fim do livro, quando a autora escreve “Pra você que me lê”, temos a noção do que ela deseja que o livro represente para nós.

... A morte tem estado bastante presente na minha criação (como, de resto, e de maneira ou outra, na vida de todos nós), mas somente em dois dos meus livros a presença da Morte é sombria bastante pra não deixar uma brecha – por pequeninha que seja – ao consolo e à esperança.” (p.138).

O livro começa e termina com um velho pescador consertando redes de pescar e contando histórias. É um movimento circular do conserto da rede e da história.

A morte está presente na narrativa, como está e, vários livros da autora, em diferentes formas. Por vezes, a morte é um personagem na obra da Lygia Bojunga. Em *Nós três*, há algumas páginas tarjadas de preto, o que pode significar sinal de morte e luto.

A trama é muito bem articulada, com diálogos que envolvem o leitor e o fazem viver a história.

Fazendo um breve resumo sobre o livro, *Nós três* é apresentado em três capítulos e um epílogo. No capítulo 1, denominado “Flor azul”, vemos como a amizade entre Rafaela e Davi começou. Rafaela que havia ido passear por não suportar ver mais a amiga de sua mãe Mariana esculpir pedras chegou a um coqueiral encontrou uma flor azul, nesse momento ela avista a flor e um homem encostado em um coqueiro, ao fim de uma ventania ela visualiza que a flor está do mesmo jeito e que o homem se aproximou dela. Ao perguntar para Davi se ele mora na região, Rafaela descobre que ao contrário de todos, Davi não conseguia morar em um único lugar e vivia mudando sempre que tivesse vontade. A partir desse encontro eles ficam por horas conversando e Davi falando da sua vida, de seus amores e a perda de um abraço para a menina. Um dos pontos marcantes dessa primeira parte do livro é momento em que Rafaela oferece a flor azul a Davi que aceita e revela que irá guardar como lembrança do encontro, e no fim do capítulo que Rafaela o convida para conhecer Mariana. É nesse capítulo temos a presença do elemento chave do livro, a faca.

No capítulo 2, denominado “O tempo passando e eles conversando”, Rafa e Davi vão passear enquanto Mariana “cria vidas”. Nesse capítulo, vemos enfatizado o uso da palavra mão, como aquela perdida e adiante veremos o poder que uma mão é capaz de fazer. Mariana que já levada pelo amor, começa a “criar a vida” de Davi em uma de suas pedras, que considera o amor criado por ela como sendo igual a uma pedra, sem vida, fantasiosa e do pressentimento que algo irá acontecer. “Mas é uma paixão assim... assim... assim... dura, de pedra, sei lá! Só sei é que tá começando a me dar medo.” (p.52).

Temos a imagem que a Rafaela quer sempre que fiquem os três ligados em uma cumplicidade absoluta.

No capítulo 3, temos o ponto fundamental do livro, a morte de Davi, não causado pela faca, pelo amor ou até mesmo pela não vontade de despedir de quem se gosta, mas sim, morte causada pela mão de Mariana que tanto as utilizava para criar vidas, havia cometido um crime passional.

“Ela fica parada. Mas a mão não: num movimento depressa, louco, abaixa o cabo da faca e corre. A lâmina se atira pro Davi, entra nele, entra fundo. A Mariana dá um grito.” (p.74).

A morte pode ser entendida como a vida que Davi sempre quis possuir “no mar”, como mencionado em várias páginas do livro, no entanto significa ainda a culpa de Mariana e Rafaela que ao tentar voltar no passado e sumi a faca, não esconde que ela foi cúmplice do crime ao não denunciar o mesmo. Chegamos então no fim de uma amizade e de um amor que podia ser eternizado com a escultura, mas, que não passou de uma leve passagem que assim como a teia nunca terá como ser arrebatada. Assim, no fim do capítulo o peixe relata a Rafaela, que Mariana só saberá copiar e não mais produzir e saberá apenas a inventar o risco do cabelo de Davi, entendo como sinal de castigo ao crime cometido. No epílogo, o pescador agora contava a história de uma moça que passava o tempo criando, passou um dia a criar sempre um sol, foi quando ela pegou o barco e foi embora e ninguém sabe pra onde. Percebemos que a morte é um enigma, inevitável, mas que a alma continua vivendo e livre, como o desejo de Davi e para os que ficam como sentimento de perda, culpa e que nada vai voltar a ser como antes.

O que poderia ser só mais um encontro de amizade temporária acabam-se tornando um vínculo de amor entre Rafa, Mariana e Davi. Quase que sozinhos ali naquela ilha, como pia, mãe e filha, Mariana acaba fazendo seu amor se tornar uma possessão, por trazer consigo traumas de ser abandonada por quem ama. E toda essa posse acabar em tragédia, Davi nunca gostou de sentir “preso” a pessoas ou a lugares e quando resolve deixar a casa, e o pior acontece.

Enquanto lemos o livro, Lygia Bojunga nos confunde com vários pensamentos contrários, como “por que isso?”, “ela não deveria ter feito aquilo”! “Por que Rafaela não contou para alguém”? Porque tudo é visto pelos olhos de Rafaela, criança, inocente e sonhadora, mas ao mesmo tempo, influenciada pelo lado crítico do que é certo ou errado. Mostra a importância dos pequenos detalhes e quando os mínimos momentos com quem amamos deve ser valorizado.

Após o assassinato de Davi, Rafaela acompanha com os olhos os movimentos de Mariana levando o corpo do morto para o barco. Ela some pelas águas com o barco e com o corpo de Davi. O que acontece na sequência é uma mistura entre o que a menina vive e o que ela sonha; ela se pergunta: “Será que eu não tô sonhando?!” Não há para o leitor uma definição clara entre os limites e as fronteiras entre sonho e realidade.

Há elementos que carregam grande simbolismo: a flor azul e a faca. Podemos dizer que são personagens da história; estão presentes em momentos importantes da narrativa. Por exemplo, a menina, em várias situações, está à procura da flor. E a faca é um objeto que suscita reminiscências.

Muito interessante é a relação sutil que a autora faz entre a aranha e sua teia e o passarinho, que era livre e agora está prisioneiro, parodiando a Davi, que também era um homem livre que se sente prisioneiro.

A própria palavra morte desperta o medo no coração das pessoas. Elas consideram a morte tão incompreensível quanto inevitável. Mal conseguem falar a respeito, perscrutar além da palavra em si e se permitir contemplar suas verdadeiras implicações. Esta é uma reação compreensível, pelo fato de que tantas pessoas pensam sobre a vida como nada mais que um estado no qual o corpo humano está biologicamente ativo. Mas é hora de nos perguntarmos: o que acontece após a morte, se é que acontece? O que a morte realmente significa? Como aqueles que sobrevivem aos entes queridos devem reagir?

O mistério da morte é parte do enigma da alma e da vida em si: entender a morte significa realmente entender a vida. Durante a vida como a conhecemos, o corpo é vitalizado pela alma; na morte, ocorre uma separação entre o corpo e a alma. Porém a alma continua a viver como sempre fez agora livre das restrições físicas do corpo. E como o verdadeiro caráter da pessoa – sua bondade, virtude e altruísmo – estão na alma, é lógico presumir que ele ascenderá a um estado mais elevado após cumprir suas responsabilidades na terra.

### **Referências bibliográficas**

BONJUGA, Lygia. *Nós três*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bonjunga, 2005.

CAMPOS, Camila da Silva Alavarce. *A ironia em As aventuras de Pinóquio, de Carlo Collodi: Arte literária ou pedagógica?*

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Tradução: Cid Knipel. Ed.Rev. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

NUNES, Lygia Bonjunga. *Livro: um encontro com Lygia Bonjunga Nunes*. Rio de Janeiro: Agir, 1988.

PERES, Ana Maria Clark. *Desejando o livro: a essência da literatura infantil*.

SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bonjunga: As renaixões renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.